



A LITERATURA INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

CHILDREN'S LITERATURE AND CHILD DEVELOPMENT AT SCHOOL: AN ANALYSIS OF
THE READERS' FORMATION PROCESS

Anidiany Ferreira de Jesus
anidiany.ferreira@mail.uft.com

Neila Nunes de Souza
neilasouza@mail.uft.edu.br

Resumo

No presente artigo, nosso objetivo consiste em analisar o contexto literário infantil e as contribuições para o desenvolvimento da criança no ambiente escolar a fim de conhecer os mecanismos envolvidos no processo de formação de leitores. Por meio de uma revisão sistemática bibliográfica, (re)visitamos teorias e estudos científicos para melhor elucidar as questões propostas para reflexão. A literatura em sua dimensão histórica, estética e pedagógica enriquece a percepção sobre o mundo, ampliando nossa visão e nos tornando mais empáticos e receptivos à natureza, à sociedade e as pessoas. Constam na pesquisa autores como: Freire (2003) Cecília Meireles (1984), Cademartori (1986), Barros (2013), Dicataldo; Roch, (2022), Pulimeno; Piscitelli; Colazzo, (2020), Candido (1999), Castro (2006) entre outros. Em relação a metodologia utilizada, adotou-se uma abordagem baseada na revisão sistemática da literatura, com pesquisa em base de dados científicos online, livros e revistas. Entre os principais resultados do estudo destaca-se que o processo de leitura e escrita perpassa a noção de codificar e decodificar palavras. Nesse contexto, o papel do professor como mediador é fundamental na promoção da leitura e na integração da visão infantil com aspectos artísticos e estéticos. Além de incentivar a leitura, o professor também auxilia a criança a explorar e compreender o mundo por meio das palavras, proporcionando uma experiência enriquecedora e significativa. A formação de leitores revela que a exposição precoce à literatura infantil favorece o prazer pela leitura, e contribui no desenvolvimento de competências críticas e interpretativas.

Palavras-chave: Literatura. Infância. Leitor. Escola. Formação.

Abstract

In this article, our objective is to analyze the children's literary context and the contributions to the child's development in the school environment in order to know the mechanisms involved in the process of reader formation. By means of a systematic literature review, we (re)visit scientific theories and studies to better elucidate the questions proposed for reflection. Literature in its historical, aesthetic and pedagogical dimension enriches the perception of the world, broadening our vision and making us more empathetic and receptive to nature, society and people. The research includes authors such as: Freire (2003) Cecília Meireles (1984), Cademartori (1986), Barros (2013), Dicataldo; Roch, (2022), Pulimeno; Piscitelli; Colazzo, (2020), Candido (1999), Castro (2006) among others. Regarding the methodology used, an approach based on a systematic review of the literature was adopted, with research in online scientific databases, books and magazines. In this context, the teacher's role as a mediator is fundamental in the promotion of reading and in the integration of children's vision with artistic and aesthetic aspects. In addition to encouraging reading, the teacher also helps the child explore and understand the world through words, providing an enriching and meaningful experience. The formation of readers reveals that early exposure to children's literature favors the pleasure of reading, and contributes to the development of critical and interpretative skills.

Keywords: Literature. Childhood. Reader. School. Training.

Introdução

“É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (Abramovich, 1993, p. 16).

46

Partimos do ponto de vista de Abramovich (1993) que vale como epígrafe, é sobre a leitura e a formação que o ato concede, pois, compreender o mundo é uma das finalidades pessoais do homem enquanto ser social. A leitura é a chave para compreensão da realidade, a participação cidadã nas demandas sociais é possível por meio do desenvolvimento da leitura, logo “A leitura não se esgota apenas na decodificação da palavra escrita, mas, que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (Freire, 2003, p.11). Ancoramos na concepção freiriana de que aprender a ler é aprender a entender o mundo e seu contexto, somente a partir dessa ideia ocorrerá a desalienação das pessoas, pois o ato de ler produz sujeitos críticos.

O ato de ler ou ouvir os contos pode ser considerado uma prática comunitária significativa, com capacidade de influenciar as novas gerações no sentido de fortalecimento e preparação para o futuro, pois a cultura desempenha um papel crucial na aprendizagem e as histórias fazem parte da formação das pessoas, sendo um recurso valioso tanto em termos educacionais, quanto psicológico e pedagógico (Pulimeno; Piscitelli; Colazzo, 2020).

Na concepção de Paulo Freire (2003), ler implica reconhecer a presença do sujeito, sua trajetória como criador de linguagem e sua singularidade como intérprete do ambiente que o rodeia. A promoção do hábito da leitura é fomentada através de políticas públicas, iniciativas e locais dedicados à cultura, como bibliotecas, entre outros. Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental ao estimular a leitura, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da consciência crítica e emancipadora.

Desse modo, a literatura em sua dimensão histórica, estética e pedagógica, enriquece a percepção sobre o mundo, ampliando nossa visão e nos tornando mais empáticos e receptivos à natureza e sociedade. No decorrer dos anos, novas obras surgiram por volta dos anos 1970, seguidas por livros mais didáticos e ilustrativos no início da década de 1980. Isso contribuiu para aumentar a visibilidade da literatura. Vale ressaltar que ao longo da história, desde tempos antigos, houve formas literárias que refletiam as características de cada período e situação.

O foco do presente estudo será direcionado a literatura infantil, cujo universo é amplo e envolve a exploração de significados, pois permite que as crianças liberem sua imaginação, por meio de poesias ou de narrativas encontradas em livros ou revistas. Essa imersão na literatura estabelece uma ligação entre o leitor e o mundo ao seu redor, contribuindo para a construção de relações e, conseqüentemente, para a aquisição de conhecimento. Conforme o dicionário Aurélio (2018), literatura é a habilidade de criar textos em (prosa ou poesia), seguindo princípios teóricos e práticos específicos. Dessa forma elucidada, a literatura se torna um recurso importante para a diversão e enriquecimento cognitivo das crianças.

E no contexto entre promotor e mediador, existem algumas maneiras de abordar um livro de literatura infantil e, portanto, é responsabilidade do promotor de leitura ser uma pessoa sensível e atenta, que se deixa envolver pelas histórias e que deseja compartilhá-las com outras pessoas. O mediador de leitura, então, não apenas lê os livros, mas também lê, de certa forma, os seus leitores, procurando descobrir quais livros serão mais adequados às suas necessidades, perguntas e expectativas.

O campo da literatura infantil é vasto, contribuindo significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e histórico das crianças. Destinada especificamente aos pequenos, a literatura infantil auxilia no processo de alfabetização, com a oferta de padrões interpretativos necessários para entender os acontecimentos do dia a dia. Mortatti (2011) enfatiza que

a alfabetização é um instrumento de aquisição que promove o esclarecimento e contribui significativamente para o desenvolvimento social, ou seja, além de aprimorar as habilidades cognitivas e crítica das pessoas, também lhes fornece ferramentas necessárias para se integrar e prosperar em uma sociedade cada vez mais complexa e baseada na informação.

Nesse contexto, a literatura infantil desempenha um papel crucial no processo de alfabetização. Na escola, a literatura infantil pode ser uma ferramenta poderosa na formação de leitores. Ao introduzir para as crianças uma variedade de gêneros e estilos literários, desde contos de fadas até poesias, os educadores podem ajudar a cultivar o gosto pela leitura desde cedo. Somando-se a isso, a discussão e análise das histórias em sala de aula torna-se um suporte para desenvolverem habilidades críticas e de interpretação, além de aprenderem a refletir sobre questões importantes.

Para a execução desta pesquisa, será adotada uma abordagem metodológica baseada em revisão sistemática da literatura. A investigação será conduzida por meio da análise de artigos, dissertações, livros e outros materiais relevantes ao tema proposto. Inicialmente, foi realizada uma busca em bases de dados científicas para coletar fontes primárias e secundárias que ofereçam embasamento teórico e empírico sobre a conjuntura relacionada a literatura infantil e suas contribuições para o desenvolvimento infantil no ambiente escolar.

Portanto, o objetivo do nosso trabalho é analisar o contexto literário infantil e as contribuições para o desenvolvimento da criança na escola a fim de conhecer os mecanismos envolvidos no processo de formação de leitores.

Constam na pesquisa autores como: Freire (2003) Cecília Meireles (1984), Cademartori (1986), Barros (2013), Dicataldo; Roch, (2022), Pulimeno; Piscitelli; Colazzo, (2020), Candido (1999), Castro (2006), Piaget (2019), Vygostsky (2009), Lobato (2020), Scantamburlo (2012), Meireles (1984), Silva e Sambugari (2022) entre outros.

A Literatura Infantil na Escola

Inicia-se a reflexão contextualizando sobre o surgimento da literatura. Conforme aponta Candido (1999), no século XVI, os portugueses introduziram no Brasil diferentes estilos literários. No começo, esses estilos eram influenciados pelas tradições gregas e latinas e se tornaram uma poderosa forma de expressão realista de um território ainda desconhecido. A literatura envolveu-se em contar a história de uma cultura que estava sendo imposta, e foi por meio desses escritos que os portugueses descreveram o “novo mundo”. A própria literatura popular também foi influenciada pelas ideias das classes sociais mais poderosas e sua visão de mundo.

As crianças ouviam histórias e narrativas direcionadas aos adultos, todas conforme as tradições populares. As crianças de famílias com baixa renda na aldeia ouviam lendas, diferente do que acontecia com as crianças da nobreza, essas tinham o privilégio de ouvir narrativas clássicas. A partir do século XVIII, surgiram preocupações específicas em relação ao tratamento educacional dado à infância, prova disso foi a consolidação da separação das crianças por faixa etária. Com o avanço dos tempos modernos, houve uma constante compreensão sobre a importância e as necessidades específicas da infância (Barros, 2013).

Esse processo de valorização da infância desencadeou elementos positivos em relação a sua ação, as crianças começaram a desenvolver melhor a comunhão familiar e a ter domínio das próprias emoções. Nesse sentido, a literatura e a escola foram (re)organizadas a fim de cumprir a missão de educar e instruir a criança no seu desenvolvimento de habilidades essenciais na vida. Essas transformações seculares resultaram no surgimento de livros no final do século XVII, principalmente em relação a literatura infantil, essas narrativas conhecidas surgiram em um primeiro momento na França e posteriormente na Inglaterra, um dos destaques foi a criação de contos de fadas. Mas, foi apenas no século XIX que as crianças passaram a ter uma visibilidade maior, com preocupações

científicas direcionadas ao crescimento cognitivo e emocional infantil. Desse modo, a literatura passou a ser objeto de trabalho de cientistas que direcionaram os estudos ao público infantil.

A apreciação da fase infantil resultou em uma maior união dentro das famílias, porém, simultaneamente, surgiram métodos para regular o desenvolvimento intelectual e o controle das emoções das crianças. Dessa forma, a literatura e o sistema educacional foram criados e adaptados para desempenhar o papel de instruir.

As histórias renomadas e mundialmente reconhecidas surgiram primeiramente na França e depois na Inglaterra, onde os contos de fadas se destacaram, como as famosas narrativas dos irmãos Grimm em 1812. Durante esse período, ficou evidente que as crianças tinham preferência por histórias fantásticas e repletas de aventuras, como "Peter Pan", de James Barrie.

O século XIX foi marcado pelo aumento da visibilidade da infância, levando a uma crescente preocupação e respeito pela precisão e pelo desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Como resultado, as ciências psicológica, sociológica e pedagógica começaram a direcionar sua atenção para esse público. Nesse contexto, a literatura passou a ser um instrumento pedagógico utilizado por esses estudiosos, dedicados ao público infantil. Através da literatura, valores e normas da sociedade eram transmitidos, com o propósito de educar o caráter da criança em uma instrução cívica, ética, humanística, intelectual e espiritual. Posteriormente, no século XX, as obras infantis cresceram gradativamente em território brasileiro.

Um autor literário bastante conhecido do século XX é Monteiro Lobato, nascido em 1882, em uma época em que o Brasil estava se libertando da escravidão, oficialmente abolida em 1888. Esse período foi caracterizado por profundas mudanças sociais, econômicas e políticas, com a sociedade brasileira ainda carregando muitas das desigualdades e preconceitos herdados do período escravocrata.

Nos escritos de Cademartori (1986, p.51) o primeiro registro com adaptação literária feito por Lobato é de 1920, com a obra intitulada "*A menina do narizinho arrebitado*". Nesse meio, a literatura infantil escrita por Lobato "[...] apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário". Por meio do exposto, é possível identificar que essa interlocução indica que os elementos interativos (textuais e ilustrativos) dialogam diretamente com o leitor. Isso pode ser entendido como uma estratégia para engajar os jovens leitores e estimulá-los a pensar criticamente sobre os temas abordados.

Destaca-se que algumas das descrições e personagens de Monteiro Lobato refletem preconceitos da época em que foram escritas, gerando debates sobre racismo e estereótipos culturais. A obra "*A menina do narizinho arrebitado*" (1920, p.18), apresenta Dona Benta como uma personagem velha e "sem um só dente na boca", a própria Narizinho é percebida como uma menina "morena, com olhos pretos como duas jabuticabas". A tia Nastácia foi apresentada como a negra empregada, "de estimação", ela é retratada de maneira estereotipada e subserviente, reforçando clichês negativos sobre pessoas negras. Entretanto, um fato curioso chama atenção, Tia Nastácia é um tipo de pessoa que carrega consigo as experiências da vida na obra, sua sabedoria vem da vida e da prática diária.

Na dramaturgia, a fase do "Sítio do Picapau Amarelo" de Monteiro Lobato (2020) se destaca pela combinação inovadora de fantasia e realidade. Esse recurso é utilizado para abordar temas importantes como a valorização do conhecimento e da cultura nacional. Lobato também utiliza a fantasia para valorizar a cultura e as tradições brasileiras. Elementos do folclore, como o Saci-Pererê e a Cuca, são incorporados nas histórias, ajudando a preservar e disseminar esses aspectos culturais entre as crianças leitoras. O interessante é que o Saci lobatiano é moderno no sentido filosófico, Lobato transforma o Saci em um personagem inteligente, com ensinamentos a Pedrinho sobre a mata e a cultura popular. Desse modo, percebemos que as obras literárias de Lobato comportam questionamentos, incertezas e divergências.

Monteiro Lobato apresentou o meio rural de uma forma diferente, desafiando a visão comum de que era um espaço habitado por pessoas ignorantes, cuja vida simples se resumia apenas ao trabalho na roça e à subsistência da terra. Ele deixou claro em suas narrativas como via o folclore, o ruralismo e o nacionalismo. Lobato foi pioneiro ao inserir elementos didáticos em suas narrativas, estimulando a curiosidade e o raciocínio crítico. Ele abordou temas como a ciência, a história e a geografia de maneira acessível e envolvente, promovendo um aprendizado prazeroso. Além disso, alguns personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo são carismáticos, como a boneca de pano Emília e o sábio Visconde de Sabugosa, que representam diferentes aspectos do conhecimento e da criatividade, incentivando as crianças a explorarem o mundo ao seu redor com uma visão crítica e questionadora.

Reconhecer as contribuições significativas de Lobato para a literatura não deve obscurecer a necessidade de um exame crítico das apresentações de algumas de suas obras, especialmente à luz dos padrões contemporâneos de justiça social e representatividade.

Em continuidade, no livro *“Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis”* de Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso (2006), o leitor consegue perceber a importância de (re)visitar as lembranças vividas na infância. Como exemplo, cita-se os contos de fadas, conforme já mencionado anteriormente, as histórias narradas para crianças e adultos auxiliava os moradores das aldeias a terem uma espécie de “descanso” durante as primeiras horas da noite. Eram narrados contos de fadas de diversas modalidades, muitos abordavam batalhas, felicidade, tristeza, finais felizes, maldade entre outros.

Na concepção de Scantamburlo (2012), a literatura infantil tem como base o encantamento, além do conhecimento. É uma forma de aproximar a criança da imaginação e da leitura, fazendo com que essa criança tenha discernimento entre o real e o imaginário. A partir desse processo, inicia-se a etapa do desenvolvimento do hábito da leitura desde a infância. Em concordância, Vieira (2005) enfatiza que os contos de fadas é uma atividade privilegiada para transmitir o conhecimento de forma lúdica e de maneira simples. Contudo, é essencial que essas histórias sejam apresentadas com uma perspectiva crítica para evitar a perpetuação de estereótipos e promover uma visão mais inclusiva e diversificada da sociedade.

À esteira disso, Cademartori (1986) argumenta que a literatura pode ser entendida como a forma expressiva de percepção da realidade de maneira artística com valor estético. Nesse contexto, a literatura infantil proporciona à criança o desenvolvimento infantil nos níveis cognitivo, social, emocional e histórico. Essa amplitude literária propicia ao aluno o auxílio no processo de alfabetização, e a enfrentar os dilemas do cotidiano como emoções, medos entre outros elementos relativos.

Na concepção de Cecília Meireles (1984, p.20), “[...] tudo é uma literatura só [...]”, a questão está em definir o que é considerado como tal, especialmente no contexto infantil. São as próprias crianças que definem isso com suas preferências. O que geralmente é rotulado como literatura infantil é aquilo que é escrito para elas. Em vez de ser uma categoria predefinida, a literatura infantil deve ser identificada com base no que as crianças leem e desfrutam.

À esteira disso, a literatura infantil pode proporcionar narrativas compostas por interações sociais, registro de momento histórico-culturais, e por meio dessa narração a criança aprende a (re)organizar seus posicionamentos discursivos, questionar a validade da história e participar ativamente da construção do próprio conhecimento.

Para Cecília Meireles (1984), as crianças experimentam uma tranquilidade na infância que é incomparável e diferente da vida adulta. Isso é algo positivo para os leitores infantis, pois, muitas crianças têm na infância o melhor momento de suas vidas, um tempo em que talvez nunca mais possam desfrutar da liberdade de ler sem preocupações. É crucial aproveitar essa oportunidade, pois esses momentos contribuem significativamente para a formação do desenvolvimento social e pessoal infantil.

A literatura precisa remeter ao conteúdo, nesse sentido, pode ser representada pelos aspectos sociais e culturais presentes no dia a dia. Com direção pedagógica a esse discurso, a literatura, ao refletir e questionar a realidade social, pode servir como um catalisador para mudanças políticas, trazendo à tona questões de injustiça, desigualdade e direitos humanos. Políticas públicas voltadas para a promoção da leitura e do acesso à literatura também desempenham um papel crucial na democratização do conhecimento e no fortalecimento da cidadania. Portanto, a interseção entre literatura e políticas públicas é vital para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equitativa. Nesse contexto nasceram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nas escolas brasileiras, entre outras políticas.

Tais parâmetros são diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação com o objetivo de orientar a elaboração dos currículos escolares na educação básica. Para isso, define-se competências, habilidades e um conteúdo mínimo a ser ensinado na educação básica, um objetivo que tem sido consistentemente perseguido ao longo da história das políticas públicas educacionais no Brasil. A formulação dos PCN iniciou-se com a análise das propostas curriculares dos estados e municípios brasileiros (Brasil, 1997), este processo envolveu a colaboração de educadores, especialistas em educação, gestores escolares e outros profissionais da área.

Um das razões mais perceptíveis e controversas dos PCN refere-se à imposição de uma uniformidade curricular que pode desconsiderar a diversidade regional do Brasil. Dado o contexto, a flexibilidade curricular muitas vezes não é plenamente exercida, resultando em uma implementação superficial das orientações nacionais. Falta de recursos, formação inadequada dos professores e a ausência de apoio contínuo dificultam a adaptação eficiente dos PCN conforme as necessidades locais.

Inicia-se essa reflexão acerca da formação (inicial e continuada) de professores da rede pública de ensino. Conforme Diniz-Pereira (2015), os conteúdos, disciplinas e matriz curricular apresentam determinadas limitações e essas carecem de discussão. A formação e capacitação contínua dos professores é crucial para o sucesso dos PCN, haja vista que, muitos educadores não recebem a preparação adequada para implementar as diretrizes curriculares de maneira eficaz. A formação inicial frequentemente não abrange os princípios dos PCN, e a educação continuada apresenta morosidade, o que compromete a qualidade da educação.

Reitera-se que, a estrutura curricular proposta pelos PCN apresenta desafios como a propensão a moldar identidades alinhadas com valores neoliberais, uma abordagem predominantemente psicológica em detrimento de uma análise sociopolítica, um nível de detalhamento que limita a autonomia pedagógica, e a insuficiência na abordagem de temas transversais necessários para fomentar uma compreensão crítica da diversidade e da pluralidade cultural.

Entretanto, entre as contradições e resistências, os PCN ressaltavam a melhoria da educação no Brasil, e o aprimoramento da qualidade educacional foi um dos objetivos, especialmente em relação a escrita e leitura, os debates sobre Língua Portuguesa foram essenciais. Para Guillen e Miguel (2020), o discurso apontava que as escolas encontravam desafios em ensinar a ler e a escrever.

No contexto dos PCN, a leitura e a escrita são abordadas de maneira integrada e contínua, os PCN enfatizam a necessidade de ensinar leitura e escrita de forma contextualizada, relevante e significativa, garantindo que os alunos desenvolvam não apenas habilidades técnicas, mas também a capacidade de interpretar, analisar e produzir textos com diferentes propósitos e em diversos gêneros. Desse modo:

Para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem. Nas atividades de “leitura” o aluno precisa analisar todos os indicadores disponíveis para descobrir o significado do escrito e poder realizar a “leitura” de duas formas: pelo ajuste da “leitura” do texto, [...] e pela combinação de estratégias de antecipação (a partir de informações obtidas no contexto, por meio de pistas) com índices providos pelo próprio texto, em especial os relacionados à correspondência fonográfica (Brasil, 1997, p.56).

Ou seja, a escrita transforma a linguagem falada em símbolos gráficos. Quando os alunos lêem, precisam considerar todas as pistas disponíveis para compreender o texto.

Conforme os PCN da Língua Portuguesa:

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve favorecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficientes (Brasil, 1997, p.55).

Em outras palavras, a disponibilidade de bons materiais na escola ajuda a nivelar as oportunidades de aprendizado, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas condições socioeconômicas, possam progredir academicamente e adquirir competências essenciais para seu desenvolvimento. Todavia, certos métodos inadequados de trabalhar com textos em sala de aula, especialmente quando apresentados fora de contexto, não ajudam a formar leitores capazes de perceber as sutilezas, entender os significados ou apreciar a profundidade dos textos.

Para tratar sobre a literatura infantil com ênfase na leitura, na seção a seguir, tomaremos como base de discussão o desenvolvimento das habilidades linguísticas e o incentivo à criatividade e a imaginação.

O desenvolvimento das habilidades linguísticas e o incentivo à criatividade e imaginação

O desenvolvimento das crianças engloba uma variedade de habilidades e capacidades que se entrelaçam e são dependentes uma das outras. Nessa ótica, as características primordiais abrangem a linguagem, habilidade motora, cognitivo e aspectos socioemocionais.

Iniciamos essa reflexão com a abordagem de que a fala e a linguagem são habilidades essenciais para o efeito de comunicação com o outro. Conforme exposto, as crianças tendem a variar o processo de desenvolvimento da fala e da linguagem. De acordo Dicataldo e Roch (2022), o período de maior intensidade desse desenvolvimento são nos três primeiros anos da infância. Em continuação, os autores refletem que as “[...] características pessoais, como o interesse da criança por livros e o envolvimento em atividades de alfabetização” (Dicataldo; Roch, 2022, p.03), são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem. Nesse íterim:

Sendo a linguagem, além de uma atividade discursiva e dialógica, uma instância cognitiva de construção e operação de conceitos que concorre para a constituição do pensamento e a representação mental de experiências a partir da interação com o outro, ela é sempre impregnada de valor cultural. A construção social do indivíduo é uma história de relações com os outros, através da linguagem e de transformações do funcionamento psicológico e mental constituído pelas relações sociais. A linguagem é, pois, constitutiva dos sujeitos e das relações sociais. Conseqüentemente, a leitura, enquanto atividade simbólica, é derivada da própria linguagem, pela qual os sujeitos empregam seus conceitos para compreenderem todo tipo de experiência vivenciada (Machado, 2022, p.15).

Não há uma abordagem ou conceito único para explicar o processo pelo qual as crianças adquirem habilidades linguísticas de forma mais eficaz. No entanto, a combinação de métodos utilizados em ambientes interativos e estimulantes, que envolvam ativamente as crianças e estejam atentos aos seus interesses, demonstra ser uma técnica bem-sucedida. Isto posto, crianças que recebem exposição a um ambiente rico em vocabulário e que recebem o encorajamento à comunicação verbal com adultos tendem a adquirir habilidades linguísticas mais avançadas em comparação com aquelas que não têm acesso a essas oportunidades.

O desenvolvimento da linguagem é crucial no processo de aprendizado das crianças. A literatura infantil proporciona uma plataforma valiosa para que as crianças ampliem seu repertório

vocabular e melhorem sua habilidade de leitura, para que por meio disso, possam fortalecer a capacidade de se expressar verbalmente e por escrito. Listamos a discussão teórica de Piaget e Vygotsky, pois ambos trabalharam a respeito da aquisição da linguagem infantil. Jean Piaget, suíço e psicólogo, desenvolveu a teoria acerca do cognitivismo construtivista, para ele, o desenvolvimento da linguagem está ligado ao desenvolvimento cognitivo da criança, no primeiro momento, a criança adquire a fala e posteriormente, a linguagem (Piaget, 2019).

Na concepção de Jean Piaget, o desenvolvimento é contínuo e ocorre por meio de estágios, essas fases são divididas em quatro períodos sequenciais: inteligência sensório-motora (até 2 anos), inteligência simbólica ou pré-operatória (2 a 7 anos), inteligência operatória concreta (7 a 11 anos) e inteligência operatória formal (a partir de 12 anos).

Esses estágios propostos por Piaget evidenciam que o desenvolvimento cognitivo varia em estágios distintos, e em cada uma dessas fases, diferentes estruturas mentais são desenvolvidas. Essas estruturas variam nos estágios anteriores e são caracterizadas pela natureza das coordenações mentais. Nesse processo, Piaget elenca quatro fatores principais que influenciam o desenvolvimento: a maturação, a experiência adquirida no ambiente físico, a transmissão social em um sentido amplo e a equilíbrio.

No que diz respeito à aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento, Piaget sugere o estudo da gênese do conhecimento centrado na ação do sujeito, ou seja, como se dá o desenvolvimento da inteligência. Em sua teoria, o desenvolvimento sustenta cada etapa da aprendizagem, que não é um fator isolado, mas está conectada com a aquisição de conhecimento derivado do ambiente.

O conhecimento adquirido por meio da aprendizagem depende da interação entre o estímulo e o sujeito, e vice-versa. Para Piaget, a aprendizagem é um conceito dinâmico e interativo, envolvendo tanto uma abordagem passiva quanto a ideia de estímulo-resposta. As ideias de Piaget ressaltam a importância da interação ativa na aprendizagem e no desenvolvimento. Ele argumenta que o conceito de aprendizagem é amplo e vai além do contexto escolar.

Em termos de desenvolvimento, Vygotsky, psicólogo e proponente da teoria histórico cultural, propõe que as estruturas psíquicas são responsáveis pela elevação do desenvolvimento humano, iniciando pelos processos inferiores involuntários. Vygotsky é adepto da teoria de que o pensamento e a linguagem são paralelos (Vygotsky, 2009).

Neste prisma, Vygotsky desenvolveu uma hipótese semelhante à de Piaget que se resume a lógica presente na criança, para Vygotsky, essa ação é resultado da função direta da fala influenciada pelos fatores sociais (externos)/vivências. Portanto, o teórico sintetiza que de certa forma, “o desenvolvimento da lógica na criança, como os estudos de Piaget demonstram, é uma função direta de sua fala socializada. O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem” (Vygotsky, 1991, p.44).

Lev Semyonovich Vygotsky, psicólogo Russo, é um dos mais importantes teóricos sobre a aquisição da linguagem infantil. Para ele, essa aquisição da linguagem é desenvolvida por meio de processos mediados por símbolos que representam a realidade, e isso ocorre através de influências ambientais em que a criança está inserida. Ou seja, são os signos, palavras e instrumentos de aprendizagem que viabilizam o contato com a cultura.

O desenvolvimento da linguagem na criança revela um percurso distintivo nas áreas fonética e semântica. Inicialmente, ao expressar-se verbalmente, a criança começa com uma única palavra e progride para combinar duas ou três palavras. Posteriormente, elabora frases mais complexas, alcançando uma fala fluente, que consiste em uma articulação completa de frases complexas. Nesse contexto, em termos do aspecto físico e sonoro da linguagem, a criança avança de partes individuais para formar um todo. No entanto, no que diz respeito ao aspecto semântico, o movimento é inverso: a criança parte do todo e avança para unidades menores (Pereira, 2012).

Logo, a linguagem está interligada com a noção de cultura. O crescimento da criança ocorre mediante sua interação com as dinâmicas socioculturais presentes na sociedade em que está imersa.

Ao ingressar na escola, a criança já traz consigo uma carga de saberes adquiridos por meio dessas interações.

Em outras palavras, a aprendizagem antecede o desenvolvimento. A prática do jogo de "faz de conta" instiga a criança a criar cenários baseados em suas vivências na sociedade, em casa, na comunidade, na escola, entre outros contextos. Enquanto interage e absorve conhecimento do seu ambiente, a criança se desenvolve. Esse processo se estende ao ensino e aprendizagem, onde o aluno adquire novos conhecimentos, conteúdos e, conseqüentemente, se envolve em novas atividades, ampliando seu repertório de informações.

As crianças, na tentativa de compreender o mundo, desafiam as normas estabelecidas, criando discursos e, assim, reinterpretando, absorvendo e modificando o que já está estabelecido. Esses são aspectos que caracterizam o texto literário. Elementos como metáfora, imaginação e alegoria estão presentes tanto no mundo infantil quanto na literatura, evidenciando que diferentes e diversas interpretações são possíveis. Salienta Seidenberg (2013, p.04) que "A criança ganha entrada na leitura mais rapidamente se as associações entre as unidades nas línguas escrita e falada forem simples e consistentes".

Posto isto, a leitura proporciona o desenvolvimento da criatividade, curiosidade, fantasia e imaginação infantil. Vygotsky descreve esse imaginário como as experiências que se acumulam no cérebro, pois é através desse processo que são construídos os edifícios da fantasia (Vygotsky, 2009). A imaginação e criatividade se entrelaçam, pois a razão e a memória são alimentadas por elas, para Castro (2006), o envolvimento dinâmico da criança com o ambiente e com o mundo a sua volta é o ponto inicial para a independência. A interação da criança com seu entorno possibilita o florescimento de sua imaginação e criatividade, à medida que lhe oferece oportunidades para indagar, procurar soluções, explorar e edificar o conhecimento.

Dada a reflexão, partiremos para o subtópico vindouro a fim de discutir acerca da importância da leitura literária na escola, por meio dos pontos (re)visitados anteriormente, abordaremos esse processo no contexto da sala de aula.

A importância da leitura literária na infância em sala de aula

A educação infantil, primeira fase da educação básica, visa promover o desenvolvimento integral da criança, isso inclui os aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, em complemento às ações da família e da comunidade. A Lei 12.796, de 04 de abril de 2013, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB), para dispor sobre a formação dos profissionais da educação. A legislação atualizada afirma no Art. 4, I, que a educação básica e obrigatória compreende dos quatro aos 17 anos, respeitando as etapas da pré-escola; ensino fundamental e ensino médio (Brasil, 2013).

As políticas públicas relacionadas ao acesso à leitura e à literatura são poucas, comparadas as demais políticas no contexto educacional vigente. A Lei Nº 13.695, de 12 de julho de 2018 Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Nesse contexto, o Art. 1º afirma que: "Fica instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil" (Brasil, 2018, s.p). Como diretriz básica da respectiva lei, o Art. 2º, Inciso I torna como direito universal o acesso ao livro e a literatura.

A incorporação da literatura destinada às crianças é uma ferramenta vital, especialmente no que diz respeito às potencialidades oferecidas pelas narrativas infantis. Sob essa ótica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a relevância das vivências com a literatura infantil.

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (Brasil, 2017, p. 42).

Nesse contexto, a nova BNCC foi sancionada em 20 dezembro de 2017 com objetivo de reformulação do sistema educacional brasileiro. O primeiro documento a abranger uma base comum foi a Constituição Federal de 1988, especificamente em seu artigo 210. Esse artigo determina que devem ser estabelecidos conteúdos mínimos para o ensino fundamental, com o objetivo de assegurar uma formação básica comum e respeitar os valores culturais e artísticos, tanto nacionais quanto regionais (Brasil, 1988). Dito com outras palavras, a BNCC estabelece metas e objetivos para cumprimento das “dez competências gerais” da educação básica (Brasil, 2018).

Uma das alterações mais controversas da nova BNCC é a exigência de que o processo de alfabetização seja finalizado até o segundo ano do Ensino Fundamental. Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a principal meta pedagógica deve ser o foco na alfabetização. Isso significa proporcionar que os alunos aprendam o sistema de escrita alfabética, ao mesmo tempo em que desenvolvem outras habilidades de leitura e escrita.

Nesse sentido, Silva e Sambugari (2022, p.17) compreendem que:

O processo de alfabetização apresentado no documento aprisiona o ato de escrever ao limite do comportamento condicionado, relacionando diretamente a aprendizagem de forma mecânica, desconsiderando, sobretudo, os significados e sentidos da escrita, não discutindo a relação entre alfabetização e letramento, pois, escrever requer muito mais que a habilidade cognitiva e motora de registro de grafemas relacionados aos fonemas, como propõe a BNCC.

A nova BNCC (Brasil, 2018) atesta que, para que um aluno seja considerado alfabetizado, ele precisa entender como os sons da fala estão relacionados às letras que representam esses sons.

Morais (2015) crítica a BNCC ao afirmar que focar exclusivamente na consciência fonológica não é suficiente para a alfabetização dos alunos, pois é essencial que os aprendizes entendam e internalizem mentalmente as características do sistema de escrita da língua. A BNCC se concentra principalmente no desenvolvimento da consciência fonológica e no conhecimento do alfabeto e da mecânica da escrita e leitura, ou seja, nos processos de codificação e decodificação. Embora a BNCC também reconheça a importância de trabalhar com textos, essa ênfase predominante pode ser vista como limitada, pois não aborda de maneira suficiente outros aspectos essenciais para uma alfabetização completa e eficaz, como a compreensão e interpretação de textos em contextos variados.

Para Gontijo, Costa e Perovano (2020), a BNCC segue um modelo funcional, entretanto, este não deveria ser o objetivo. A alfabetização deve ser entendida como uma prática sociocultural em que as pessoas de todas as idades possam exercer sua capacidade crítica e criatividade, praticando assim a cidadania dentro do ambiente escolar. No contexto da BNCC, é essencial questionar as finalidades e o modelo funcional em torno do processo de alfabetização.

A BNCC por meio de suas metas pode alcançar apenas a superficialidade no processo de alfabetização, onde a compreensão profunda e o desenvolvimento crítico das habilidades de leitura e escrita são soterrados em prol do alcance de índices e estatísticas. Outros pontos a serem analisados é a preocupações sobre a formação e capacitação dos professores para implementar efetivamente as diretrizes da BNCC, visto que a falta de recursos e apoio pode dificultar a adaptação dos profissionais às novas exigências.

Desse modo, reitera-se que, o ato de ler é um componente crucial para enriquecer a imaginação, pois incentiva os alunos a expressarem suas opiniões durante a infância. A literatura

infantil exerce um fascínio cativante sobre as crianças, estimulando-as a desenvolver o amor pela leitura. É um encanto que conduz o leitor a explorar um mundo cheio de novidades.

Para Pulimeno, Piscitelli e Colazzo (2020) a escola desempenha um papel fundamental na promoção da alfabetização, utilizando práticas concretas de leitura de textos literários para cultivar leitores críticos. Nesse contexto, a literatura pode se tornar uma ferramenta poderosa para a compreensão do letramento, Soares (2010, p.39) nos apresenta o letramento como “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”. Isso vai além da simples decodificação de letras e palavras, incluindo a compreensão e produção de textos em diversos contextos sociais. Em outras palavras, o letramento amplia o conceito de alfabetização ao tornar o uso da escrita mais relevante e significativo para a vida diária.

A fase da alfabetização é um processo complexo que envolve a aprendizagem e a maestria do código alfabético, onde a criança desenvolve a capacidade de entender os componentes da escrita, ou seja, alfabetizar implica adquirir a habilidade de transformar a linguagem oral em linguagem escrita.

Por meio de histórias fictícias e personagens imaginários, é possível abordar e debater questões humanas importantes de maneira prazerosa e criativa. Muitos desses temas são geralmente evitados em discursos didáticos ou científicos, pois são considerados subjetivos, ambíguos e difíceis de quantificar. No entanto, ao usar a ficção, podemos explorar esses assuntos de forma mais acessível e envolvente, permitindo reflexões mais profundas e abertas sobre eles.

Pontua Santos *et al.*, (2021, p.08) que:

A escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação dos leitores, ou seja, a escola deve direcionar o seu trabalho para práticas cujo objetivo não seja apenas o ensino da leitura em si, mas desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uso da leitura, para enfrentar os desafios da vida e, a partir do conhecimento adquirido com essa prática e experiências, continuar o processo de aprendizado e ter um bom desempenho na sociedade durante a vida. Portanto, é interessante que o professor utilize várias formas de leitura, em dias alternados para que o aluno adquira oportunidades para se familiarizar com diversos tipos de texto e encontre a melhor maneira de entender o que está lendo, e assim ter um conhecimento mais amplo da própria leitura, lembrando que os tipos de texto devem ser de acordo com a realidade do aluno.

Sob essa perspectiva e com o mesmo direcionamento da citação acima, Machado (2022) sinaliza que, é fundamental que no ambiente escolar seja compartilhado textos que não se limitem a exercícios de decifração e interpretação, outrora, esses devem promover a cultura brasileira e a diversidade entre os leitores. Dito de outra maneira, é essencial realizar um trabalho centrado em textos que estimulem discussões sobre a luta contra o racismo e reconheçam o direito à diversidade étnico-racial como um dos fundamentos educacionais de um país composto por vários grupos étnicos e línguas.

Partindo das informações discutidas no tópico proposto, as crianças ao serem expostas a diferentes histórias, personagens e culturas, ampliam seu repertório cultural e emocional, aprendendo a lidar com diversas situações no cotidiano. Os fatores ambientais, históricos e culturais estão intrinsecamente interligados a formação do desenvolvimento da linguagem, e por consequência, do leitor. Por falar em formação na infância, discutiremos o assunto com mais ênfase a seguir.

Formação de leitores na infância

A formação de leitores na infância é um processo fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Este processo não se limita apenas ao ensino técnico da leitura e escrita, mas envolve a construção de habilidades interpretativas, críticas e reflexivas. No

contexto educacional, a formação de leitores exige estratégias pedagógicas eficazes que incentivem o gosto pela leitura e promovam a interação das crianças com diferentes tipos de textos. A abordagem pedagógica deve ser centrada no aluno, respeitando seu ritmo de aprendizagem e interesses individuais. Além disso, é essencial que os educadores atuem como mediadores, facilitando o acesso aos livros e guiando as crianças na descoberta do prazer e da importância da leitura.

Neste tópico, exploraremos a importância de cultivar hábitos de leitura desde os primeiros anos de vida, examinando como a exposição à literatura infantil contribui para o desenvolvimento das habilidades de leitura, compreensão textual e pensamento crítico.

Existe um paradigma fundamental que os leitores iniciantes enfrentam: como conectar um novo conjunto de símbolos, o próprio texto escrito, com um conhecimento prévio ou uma linguagem oral. Tais comportamentos de crianças pré-leitoras de 4 anos são fortes indicadores da capacidade de leitura futura, como ocorre a transição das crianças de pré-letoras para leitoras e os desafios que muitas enfrentam nesse processo. Desse modo, Seidenberg (2013) salienta que entendemos as características que diferenciam bons leitores de maus leitores, leitores mais jovens de mais velhos, bem como leitores considerados "típicos" daqueles que são considerados atípicos.

Souza e Serafim (2012) reforçam que a criança deve começar a se envolver com a leitura muito antes de aprender de forma mais formal a língua escrita. A leitura é uma jornada contínua que vai desde a preparação até a formação do leitor, e a melhoria desse processo requer principalmente a capacidade de compreender o que se lê. As crianças que desde cedo têm acesso a vários materiais de leitura encontram mais facilidade em se envolver na prática da leitura.

Na concepção de Santos *et al.*, (2021) um dos obstáculos que as escolas enfrentam é garantir que os alunos se tornem leitores proficientes, já que grande parte do conhecimento necessário para viver em sociedade está disponível na forma escrita. Portanto, é crucial que os professores promovam a prática da leitura, reconhecendo que a escola é um ambiente que incentiva essa prática, e que o papel do educador é essencial para a formação dos alunos.

Para Nelly Novaes Coelho (2002), o contexto literário infantil existe categorias que dividem os leitores entre as quais estão:

a) **Pré-leitor**: São pessoas que ainda não conseguem decifrar a linguagem escrita, começando a compreender o mundo principalmente através de interações afetivas e táteis, onde as imagens têm um papel predominante. Nessa fase inicial de desenvolvimento como leitor, livros ilustrados, sem texto, são recomendados para que as pessoas reconheçam elementos básicos da narrativa, como espaço, personagens e tempo, através da identificação de sequências de imagens.

b) **Leitor iniciante**: Ocorre quando o leitor começa a se familiarizar com a linguagem escrita, aumentando sua curiosidade sobre esse universo cultural e sobre o mundo que se abre através da palavra escrita, embora as imagens ainda tenham um papel significativo. Esta fase marca o início da socialização e da compreensão racional da realidade.

c) **Leitor em processo**: Nessa fase, a criança já domina as habilidades básicas de leitura, e seu conhecimento do mundo é ampliado através do desenvolvimento do pensamento lógico, sendo a motivação adulta ainda importante.

d) **Leitor fluente**: É o estágio em que o domínio das habilidades de leitura é consolidado, com uma melhor compreensão do conteúdo dos livros. Neste momento, o pensamento dedutivo e atividades reflexivas são fundamentais para o amadurecimento do leitor.

e) **Leitor crítico**: Fase em que leitor tem um domínio total do processo de leitura, estabelecendo conexões entre diferentes textos e compreendendo os processos de significação presentes neles. É o momento de desenvolver pensamentos críticos e reflexivos.

Esse processo de desenvolvimento do pensamento está relacionado à formação de diversas estruturas mentais, que são moldadas pelo nível de desenvolvimento intelectual da pessoa. Estruturas variáveis referem-se às diferentes maneiras como as atividades mentais são organizadas. Portanto, quando uma pessoa adquire novos interesses, suas estruturas mentais são alteradas e reconstruídas.

Na visão de Jean Piaget (2019), o processo de formação de leitores está intimamente ligado ao desenvolvimento cognitivo das crianças. Piaget acreditava que a aprendizagem ocorre através de estágios distintos, cada um caracterizado por diferentes capacidades cognitivas. Para Piaget, o processo contínuo de desenvolvimento se dá por meio de estágios e são divididos em quatro períodos sequenciais: Inteligência sensório-motora (até 2 anos de idade); Inteligência simbólica ou pré-operatória (de 2 a 7, 8 anos); Inteligência operatória concreta (de 7, 8 anos a 11, 12 anos); Inteligência operatória formal (a partir de 12 anos) (Piaget, 2019).

A concepção piagetiana demonstra que o desenvolvimento cognitivo sucede em estágios distintos, e em cada etapa desse estágio, estruturas mentais são desenvolvidas. Tais estruturas diferem nos estágios anteriores e se caracterizam pela natureza das coordenações mentais. Após a etapa descritiva do desenvolvimento, Piaget corrobora que existem 4 fatores principais: a maturação, o papel da experiência adquirida no meio físico sobre as estruturas da inteligência; a transmissão social num sentido amplo e a equilíbrio (auto-regulação). Portanto, o desenvolvimento ocorre por meio equilíbrio constante.

Em relação a aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento, Piaget propõe o estudo da gênese do conhecimento centrado na ação do sujeito, em outras palavras, como ocorre o desenvolvimento da inteligência. Nessa teoria, o desenvolvimento sustenta cada etapa de aprendizagem. Desse modo, a aprendizagem não é um fator isolado que explica o desenvolvimento, a aprendizagem está conectada com a aquisição de conhecimento derivado do ambiente (Piaget, 2019).

O conhecimento adquirido por meio da interação do processo de aprendizagem depende da interação sob duas perspectivas: do estímulo sobre o sujeito e, simultaneamente, do sujeito sobre o estímulo. Para Piaget, o conceito de aprendizagem é dinâmico e interativo, com abordagem passiva e unilateral interligada à ideia estímulo-resposta. Tais ideias sinalizam a importância da interação ativa de aprendizagem do indivíduo e o desenvolvimento. Dessa forma, ao escolher material de leitura, o professor deve observar não só a idade dos alunos, mas também como se expressam e seus interesses.

Um outro ponto a ser considerado nesse contexto é a diversidade de textos, Cosson (2009) sinaliza que esse processo de contato com várias obras amplia a visão da criança, portanto:

Crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura (Cosson, 2009, p. 35).

Necessariamente, as diferentes práticas em sala de aula devem existir, pois o professor precisa criar abordagens levando em consideração o cenário escolar. É evidente que a conexão entre a criança e o texto literário depende dos adultos, que têm a responsabilidade de tornar a leitura acessível e incentivar esse hábito como essencial para a formação integral da pessoa. Ao trabalhar com crianças, é necessário despertar o interesse pelos textos e cultivar a consciência de que a leitura é gratificante e enriquecedora, portanto, o professor deve ser um modelo de leitor.

Considerações Finais

Com base no exposto, o objetivo do nosso trabalho foi analisar o contexto literário infantil e as contribuições para o desenvolvimento da criança na escola a fim de conhecer os mecanismos envolvidos no processo de formação de leitores. Infere-se que, após a leitura e análise em várias bases de dados e livros, foi possível constatar que estratégias pedagógicas eficazes promovem a formação de leitores competentes e críticos. Letrar transcende o ensino básico de leitura e escrita ou a mera aquisição de habilidades de alfabetização.

Trata-se do processo de formar uma pessoa com competência para participar das atividades sociais que envolvem leitura e escrita no dia a dia. Isso implica em proporcionar ao aluno experiências de qualidade em práticas envolvendo leitura e escrita que vão além do ambiente escolar, garantindo uma ampliação eficaz do letramento através da prática educacional. Para que haja uma promoção nas atividades de formação de leitores em sala de aula, é essencial que haja uma garantia por parte do professor que o aluno reconheça o texto como ferramenta de comunicação, e que tais textos não sejam considerados como atividade escolar, mas esteja direcionado as práticas realistas dos alunos, as estruturas gramaticais a fim de desenvolver uma compreensão crítica.

Existem diversos elementos que podem afetar o desenvolvimento da linguagem na infância, tanto os aspectos internos quanto os moldados pelas interações externas. Assim, as relações externas, representadas pelas instituições de educação infantil, como creches e pré-escolas no país formam tais fatores. O avanço significativo no crescimento infantil acontece com a aquisição da linguagem, devido à qualidade das funções superiores que esta oferece. Quando a linguagem começa a atuar como ferramenta psicológica para a regulação do comportamento, a percepção se transforma profundamente, e novos processos do pensamento se desenvolvem.

No contexto educacional, em termos pedagógicos, é essencial que o professor desenvolva papel ativo e que o processo de ensino aprendizagem alcance a espontaneidade, a autonomia e a criatividade da criança. O professor necessita criar meios a fim de provocar desequilíbrio para desencadear estímulos de descobertas na criança, assim iniciará a construção do conhecimento.

Portanto, nas escolas, a integração de livros infantis nas atividades curriculares pode enriquecer as experiências de aprendizagem, incentivar a leitura independente e criar um ambiente favorável ao desenvolvimento integral das crianças. De tal forma, pode se observar que as histórias infantis podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas. Visto que, ao cultivar o hábito de leitura desde cedo, as experiências são enriquecedoras através das histórias.

Desse nodo, reiteramos a importância do acesso ao conhecimento, seja por meio da leitura de livros, exposição a diferentes disciplinas ou participação em experiências educativas, as crianças expandem seus horizontes cognitivos, desenvolvem habilidades de pensamento crítico e adquirem um repertório de informações que são essenciais para seu crescimento intelectual. Pois, o conhecimento habilita novas possibilidades comportamentais e de aprendizagem para as crianças, cita-se nesse enredo, a atenção voluntária, a memória, o pensamento teórico, e a capacidade de leitura e escrita são habilidades e comportamentos que são transmitidos e aprendidos na escola através de processos educacionais intencionais. Para tanto, não é papel da escola esperar o amadurecimento da criança, contrariamente, a escola deve criar condições que favoreçam maturação.

Salientamos ainda que as políticas públicas, como os PCN e a BNCC, desempenham um papel crucial na formação de leitores durante o Ensino Fundamental, fornecendo diretrizes e orientações para o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes. Entretanto, é relevante reconhecer que essas políticas também enfrentam críticas, especialmente em relação à sua implementação e adequação às necessidades específicas das escolas e comunidades como a rigidez dos currículos prescritos e a falta de recursos adequados.

E mais uma vez, retornamos a discussão sobre as críticas aos modelos de políticas públicas na educação, pois rege um discurso sobre o bem da população, quando na verdade as especificidades não são atendidas como deve. Neste cenário, é importante mencionar que essas políticas devem ser implementadas simultaneamente, prevendo outras igualdades de condições para que se concretizem verdadeiramente, pois contextos e realidades afetam o desenvolvimento infantil, regiões e famílias apresentam estruturas socioeconômicas diferentes. Já existem políticas públicas de amplitude geral, entretanto, a população necessita ser atendida de forma específica e inclusiva, principalmente pais e crianças em situações vulneráveis, sem acesso a bibliotecas e à moradia. O discurso de que a educação liberta e que a maior riqueza que é o conhecimento, precisa ser verídico desde a infância, pois

futuramente, as crianças serão pessoas adultas com reflexo do contexto histórico-cultural vivenciado no passado.

Referências

BARROS, P. R. P. D. B. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura.** 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56015>. Acesso em: 01 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum - BNCC.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 13.695, de 12 de julho de 2018** - Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm. Acesso em: 14 mar. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais Comuns.** Brasília, 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-dc-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 mai. 2024.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil.** São Paulo: ed. Brasiliense, 1986.

CASTRO, Ana Luisa Manzini Bittencourt de. O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola: o que nos dizem piaget e vygotsky. **Rev. Psicopedag.,** São Paulo, v.23, n. 70, p. 49-61, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000100007&lng=pt&nrm=iso. acessos em 20 mar 2024.

CANDIDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira.** – 3. ed.– São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. 98p.

COELHO, N. N. **A literatura infantil: história, teoria e análise.** S.P.: Moderna, 2002.

CORSO, D. L; CORSO, M. **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis.** Editora: Artmed; 1ª edição, 2006.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

DICATALDO, R; ROCH, M. Como o envolvimento das crianças em atividades de alfabetização influencia suas habilidades linguísticas? **Int J Environ Res Saúde Pública.** 4 de janeiro de 2022; 19(1):526. DOI: 10.3390/ijerph19010526.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Formação de professores, trabalho e saberes docentes. **Trabalho & Educação** - Belo Horizonte. v.24, n.3, p.143-152, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/index>. Acesso em: 28 jun. 2024.

FREIRE, P. **A importância do ato de Ler: em três artigos que se completam.** 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GONTIJO, C. M. M; COSTA, D. M. V; PEROVANO, N. S. Alfabetização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Pro Posições**. Campinas, SP | V. 31, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/SSfgKgXvXK5VDq6GqfGfwhK/?format=pdf&lang=pf>. Acesso em: 11 jun. 2024.

GUILLEN, Cássia Helena; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. A alfabetização nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): o que mudou de 1997 a 2017. **R. Bras. Est. Pedag.** [online]. 2020, vol.101, n.259, pp.567-582. ISSN 2176-6681. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.101i259.3910>. Acesso em: 02 jul. 2024.

LIMA, A. F. et al. **Bases Epistemológicas da teoria histórico-cultural: as três gerações e a perspectiva visionária de Chartier e Certeau**. In: Currículo como território a ser contestado: convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Organizadores: Adriana Regina de Jesus Santos; Organizadores: João Fernando de Araújo, Luiz Gustavo Tiroli, Martinho Gilson Cardoso Chingulo e Quenízia Vieira Lopes. ISBN: 9786556379470. Editora: Pontes Editores, 2023.

LOBATO, Monteiro. **A menina do narizinho arrebitado**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia/Revista do Brasil, 1920.

MACHADO, M. L. C da A. Leitura e os processos de formação de leitores entre crianças, jovens e adultos. **Leitura, Teoria e Prática**. 40(85):13-27. DOI:10.34112/2317-0972a2022v40n85p13-27. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/364616429_Leitura_e_os_processos_de_formacao_deleitores_entre_criancas_jovens_e_adultos. Acesso em: 01 fev. 2024.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MORAIS, A. G. O desenvolvimento da consciência fonológica e a apropriação da escrita alfabética entre crianças brasileiras. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 59-76, jan./jun. 2015

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Portal Mec. Seminário Alfabetização e Letramento em debate, Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acesso em: 14 mai. 2024.

ORLANDI, E. P. **As histórias das Leituras**. *Leitura: Teoria e Prática*, ano 3, n. 3, p. 7-9, jul. 1984.

PEREIRA, C. L. Piaget, Vygotsky e Wallon: Contribuições para os estudos da linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá. v. 17, n. 2, p. 277-286, abr./jun. 2012.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. Porto Alegre: Martins Fontes; Edição padrão, 2009.

PULIMERO, M; PISCITELLI, P.; COLAZZO, S. Literatura infantil para promover o desenvolvimento global e o bem-estar dos alunos. **Promotor de Saúde Perspect**. 28 de janeiro de 2020; 10(1):13-23. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7036210/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SANTOS, R. B. O, et al. A importância do ato de ler. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, e33510414129, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350864339_

SEIDENBERG, Marcos. A Ciência da Leitura e suas Implicações Educacionais. **Lang Aprenda Dev**. 2013; 9(4):331-360. DOI: 10.1080/15475441.2013.812017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4020782/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SCANTAMBURLO, Sonia Cristina. **A literatura infantil como instrumento para o desenvolvimento do hábito da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2012. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

SILVA; M. C.G; SAMBUGAR, M. R.N. A alfabetização na BNCC: lacunas e desafios. **Revista Olhar de Professor**. Ponta Grossa, v. 25, p. 1-24, e-20458.061, 2022. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 154 mai. 2024.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, H. D. S. C.; SERAFIM, M. S. A Mediação da Leitura na educação infantil: onde a leitura de mundo precede a leitura das palavras. In: BORTONI-RICARDO, S. M. et al. (Org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. **Revista Criança do Professor de Educação Infantil**, v. 38, p. 10-11, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo, Editora: WMF Martins Fontes; 2ª edição, 2009.

Recebido para publicação em setembro de 2024.

Aprovado para publicação em março de 2025.